

## "ÁGUA COM AÇÚCAR" PARA TRANSBORDAR O CORAÇÃO: O PAPEL DO LEITOR NO ESTABELECIMENTO DOS SENTIDOS DE UMA OBRA LITERÁRIA.

Clarissa Resende Rosa (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP) <sup>1</sup>

**Resumo:** O leitor tem grande importância na teoria literária. Contudo, sua figura, em muitos casos, é constituída no discurso crítico como consequência da avaliação de uma obra, principalmente se tratando de títulos não canônicos, de forma que avaliações sobre um determinado livro acabam por se refletir em um julgamento do leitor. No Brasil, um caso que se destaca é do escritor estadunidense de *best sellers*, Nicholas Sparks. A fama e o sucesso do romancista são alvos de críticas negativas, muitas das quais também recaem sobre seus leitores. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é investigar, através da aproximação a leitores empíricos do autor, de que maneira a experiência do leitor pode se contrapor a um discurso geralmente pautado em aspectos estéticos.

**Palavras-chave:** Recepção da ficção; *Best sellers*; Leitura; Leitor

“Não concordavam muito. Na verdade, quase nunca concordavam. Estavam sempre brigando. E se desafiavam a cada dia. Porém, apesar das diferenças, tinham algo em comum. Estavam loucos um pelo outro.” (SPARKS, 2017)

A citação acima foi retirada do romance “Diário de uma paixão” do autor estadunidense Nicholas Sparks. Os romances de Sparks despontaram no Brasil em 2010, sob a tutela da Editora Novo Conceito e, posteriormente, foram editados pela Editora Arqueiro. Os livros do norte-americano, que já faziam sucesso nos Estados Unidos, imediatamente agradaram ao público brasileiro, de forma que os títulos, “Querido John”, “A Última Música” e “Diário de uma Paixão”, assim que lançados, permaneceram mais de vinte semanas consecutivas na lista dos mais vendidos da plataforma *Publish News*<sup>2</sup>, oscilando entre o primeiro e o segundo lugar da categoria de ficção. No total, os vinte e dois livros publicados de Sparks já venderam mais de 100 milhões de exemplares<sup>3</sup> no mundo todo, tendo sido traduzidos para cerca de 50 idiomas. O romancista possui onze de suas obras adaptadas para o cinema, sendo todas sucesso de bilheteria. Logo, não restam dúvidas que os livros de Nicholas Sparks são campeões de vendas mundial.

Apesar de contar com uma legião de leitores espalhados pelos quatro cantos do globo, visto que sua *fanpage* oficial possui mais de 2,7 milhões seguidores, os romances

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UNICAMP), Mestranda em História e Crítica Literária (UNICAMP). Contato: [cla\\_resende@hotmail.com](mailto:cla_resende@hotmail.com).

<sup>2</sup> Disponível em <<http://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2010/0/0>> Acesso em: 8 de agosto de 2019.

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.editoraarqueiro.com.br/autores/nicholas-sparks>> Acesso em: 8 de agosto de 2019

de Sparks, na maioria das vezes, são avaliados de forma negativa. Os livros do autor são adjetivados como “açucarados”, “dramáticos”, “manipulativos”, “românticos” e “previsíveis”, de forma que Sparks é acusado de usar uma “fórmula do sucesso repetida à exaustão<sup>4</sup>”. Esse pessimismo frente aos *best sellers* não é recente. De acordo com Reimão (1991), há um consenso de que a *literatura de mercado* descende do folhetim. Assim como esses textos não eram benquistos pela elite intelectual do século XIX e foram “inseridos nas listas dos primeiros produtos da indústria cultural” (REIMÃO, 1991, p.54), os *best sellers* encontram-se diretamente associados a um movimento global de produção em massa, onde o fluxo de transmissão ocorre de maneira vertical, unidimensional, do mercado capitalista às massas. Sendo assim, a literatura de massa é compreendida como “uma narrativa de consumo imediato, repleta de clichês, sem originalidade de estilo, com enredos previsíveis, pouco recorrendo a estruturas de raciocínio mais complexas” (ANDRADE; SILVA, 2013, p. 51).

No entanto, acreditamos que tradições teóricas que sobrelevam separações, inclinam-se “a construir modelos semelhantes àqueles que adotam os referenciais da cultura erudita, culta ou letrada como únicos legítimos na definição do que se deve - ou não – ser incorporado ao campo cultural” (BORELLI, 1996, p.28). Pensando nisso, Texeira Coelho (1980) afirma que,

Estudar os fenômenos ligados à indústria cultural sob o prisma dessa oposição constitui uma espécie de pecado original que pesa sobre a quase totalidade da teoria crítica da indústria cultural, impedindo que se enxergue nitidamente o objeto estudado e produzindo uma sequência de conceitos-fetichê, isto é, de ideias presas muito mais à mente do pesquisador do que ao tema pesquisado. (COELHO, 1980, p.4)

Dessa forma, entendemos que experiências reais de leitura, narradas por seus próprios leitores, podem nos fornecer dados que se contrapõem à crítica literária, quando esta se baseia em meras suposições que passam ao largo da análise do texto. Nesse trabalho, almejamos coletar no empírico o que há de singular na experiência, que não se limita somente à compreensão e interpretação de texto.

A fim de investigarmos mais a fundo os leitores empíricos, suas leituras e gostos literários, optamos por criar um espaço no qual eles poderiam contar suas experiências e compartilhar suas opiniões e impressões a respeito do romancista Nicholas Sparks e sua

---

<sup>4</sup> Disponível em <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/a-formula-milionaria-e-repetitiva-do-sucesso-de-nicholas-sparks/>> Acesso em: 8 de agosto de 2019

obra literária. Nesta pesquisa escolhemos trabalhar com uma página e um grupo de leitores que se reúnem no *Facebook*. Nessas páginas, não encontramos apenas o processo de leitura, que compreendemos como decodificação de palavras e de análise do texto, mas a experiência com a leitura, revelando como obras podem atingir a cada indivíduo de modo singular.

Portanto, foi aplicado um questionário na página do *Facebook* “Frases de Nicholas Sparks” e no grupo “O melhor de Nicholas Sparks”, no qual 200 pessoas participaram. As perguntas foram disponibilizadas a partir da ferramenta *Google Forms* e foram organizadas em quatro partes: na primeira, buscou-se traçar um perfil do leitor com algumas questões destinadas à identificação; na segunda, as perguntas tinham o objetivo de conhecer a relação dos sujeitos com a leitura; na terceira, pretendeu-se conhecer a relação dos sujeitos com as obras do escritor Nicholas Sparks; na quarta, almejou-se identificar as experiências de leitura dos sujeitos, especificamente do romance “Diário de uma paixão”, reconhecendo seus interesses e critérios de avaliação. Com a discussão dos resultados, acreditamos nos distanciar de uma crítica assentada na ausência de parâmetros que norteiam colocações acerca do leitor empírico e sua experiência de leitura.

Dessa forma, dada à persistência com que a generalização “leitor e obra” ainda se apresenta em grande parte dos debates sobre literatura, é necessário colocá-la em cena, aproveitando para indicar suas lacunas. Toma-se aqui o caso de uma crítica feita no jornal *The Guardian*, no ano de 2010, intitulada “Quando Nicholas Sparks vai parar de fazer garotas chorarem?”<sup>5</sup> Inicialmente a crítica tinha como finalidade realizar uma resenha do recém-lançado filme “A última música”, que estrelava a atriz e cantora pop Miley Cyrus. No entanto, a crítica negativa feita pelo resenhista não recaiu apenas sobre o filme: a avaliação sobre a qualidade da obra terminou por se refletir em um julgamento sobre seu espectador. De acordo com o crítico,

Sexta-feira passada assisti ao lançamento de “Querido John”, uma romance água com açúcar sobre um homem e uma mulher cujo relacionamento é posto à prova por um acontecimento que nenhum deles pode controlar. Na próxima sexta-feira, assistirei ao lançamento de “A última música”, um romance sobre um homem e uma mulher cujo relacionamento é posto à prova por um acontecimento que nenhum deles pode controlar. Ambos têm finais agrídoces. Ambos garantem que garotas de certa idade chorem incontrolavelmente.

<sup>5</sup> Disponível em < <https://www.theguardian.com/film/2010/apr/22/nicholas-sparks-the-last-song> > Acesso em: 8 de agosto de 2019.

Ambos são baseados em livros de Nicholas Sparks. (HERITAGE, 2010 – tradução nossa) <sup>6</sup>.

Para o crítico, a obra de Sparks se resume a uma história intensa e cheia de tribulações com um final emocionante, mas ao mesmo tempo previsível, isto é, água com açúcar. Heritage generaliza o público de Sparks caracterizando-o como sendo do sexo feminino, de certa idade e suscetível a emoções incontroláveis. Contudo, ao generalizar os espectadores dos filmes baseados nos romances de Sparks, ele acaba também por generalizar o público leitor do romancista, uma vez que, no questionário aplicado, em uma amostra de 200 entrevistados, 83 afirmaram ter conhecido os livros de Nicholas Sparks através de suas adaptações cinematográficas. Em resposta à pergunta “Como você conheceu os livros do Nicholas Sparks? O que mais lhe atrai nos livros desse autor?”, afirmações como as listadas abaixo foram recorrentes.

“Através dos filmes inspirados nos livros, os romances arrebatadores”. (J.C)
“Através do filme Um Amor Para Recordar. Amo a forma como ele valoriza coisas simples e transforma em mágico!”. (D.S)
“Através do filme “A última música”. A escrita do autor e os personagens apaixonantes”. (F.S)
“Conheci por meio do filme “Querido John, foi quando me despertou o interesse em conhecer mais sobre o autor. O que mais me atrai é a maneira como ele narra as histórias e como ele se inspira para criar cada personagem”. (S.D)
“Conheci através de filmes. A maneira única como ele conta uma história de amor, que não precisa ter um final feliz para ser linda e tão real”. (M.R)
“Conheci depois de ver o filme “Diário de uma Paixão”. E me encantei pelos romances”. (K.A)

Que os leitores de Nicholas Sparks, em sua maioria, foram antes espectadores dos filmes, não é novidade, inclusive para o autor, que no ano de 2015, em uma entrevista

<sup>6</sup> Last Friday saw the release of Dear John, a soppy romance about a boy and a girl whose relationship is tested by an event that neither of them can control. Next Friday sees the release of The Last Song, a soppy romance about a boy and a girl whose relationship is tested by an event that neither of them can control. Both have bittersweet endings. Both are guaranteed to make girls of a certain age weep uncontrollably. Both are based on books by Nicholas Sparks.

concedida ao jornal *O Globo*, afirmou: “muitas vezes, o leitor toma conhecimento dos meus livros por intermédio dos filmes, e aí vai procurá-los nas livrarias<sup>7</sup>”. Sparks, que é dono de sua própria produtora, na qual onze de seus vinte e dois romances foram adaptados para as telas de cinema e televisão, acompanha de perto as gravações, as adaptações do roteiro, bem como a seleção do elenco, de forma que, os filmes baseados em seus romances são, na medida do possível, “fiéis” aos livros, fato que agrada o seu público leitor.

Posto isso, dado que a recepção literária não se restringe mais apenas ao texto escrito e vinculado no formato de livro, o crítico do jornal *The Guardian* muda o foco do que seria uma resenha crítica sobre o filme e redireciona para os romances de autoria de Nicholas Sparks, destacando novamente sua opinião de que o enredo é assentado em uma fórmula, deixando transparecer que os leitores de Sparks, bem como aqueles que apenas viram o filme, não são capazes de perceber as “variações infinitas de um único tema”. Segundo o crítico,

Desculpe, deveria ter dito "fenômeno literário Nicholas Sparks". Ele fez sua fortuna (com mais de 55 milhões de vendas de livros e uma série de filmes adaptados os quais arrecadaram 300 milhões de dólares - isso é uma fortuna) ao descobrir o que emociona um determinado tipo de garota ou jovem mulher e depois explorar esse recurso impiedosamente. Ele não escreve histórias tanto quanto produz variações infinitas de um único tema. Um homem e uma mulher se encontrarão (um provavelmente será rico e o outro provavelmente será pobre) e, inicialmente, eles irão discordar um do outro. Então eles vão se apaixonar. Então eles serão separados, possivelmente por uma tragédia. E então uma tragédia maior os juntará de volta no final. (HERITAGE, 2010 – tradução nossa).<sup>8</sup>

A posição do crítico parece ir de encontro ao que Muniz Sodré (1988) defende em sua obra intitulada “Best Seller a literatura de mercado”. De acordo com Sodré (1988), em se tratando de literatura de massa, o leitor, é tratado como um sujeito “consumidor”, e é também considerado um “espectador”, visto a facilidade em adaptar a obra literária

<sup>7</sup> Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/nicholas-sparks-cria-produtora-investe-alem-da-adaptacao-dos-proprios-livros-16013843>> Acesso em: 8 de agosto de 2019.

<sup>8</sup> Sorry, that should have read "literary phenomenon Nicholas Sparks". He's made his fortune – and with more than 55m book sales and a run of movies adapted from those books grossing \$300m, it is a fortune – by finding out what upsets a particular kind of girl or young woman the most and then exploiting it mercilessly. He doesn't write stories as much as churn out endless variations of a single theme. A boy and a girl will meet (one will probably be rich and one will probably be poor) and initially clash. Then they'll fall in love. Then they'll be separated, possibly by tragedy. And then a bigger tragedy will bring them back together at the end.

para outros meios, dado que a estrutura básica desta, segundo o autor, se mantém a mesma, uma vez que a trama é a base da narrativa. Conforme Sodré (1988),

Dizemos “leitor”, mas também poderíamos usar o termo “espectador”. Com efeito, a narrativa de massa não se restringe ao texto escrito, podendo estender-se a outros meios de expressão ou canais (para usar um termo da teoria da comunicação), como o rádio, o cinema, a televisão, a história em quadrinhos, a fotonovela, etc.” (...) A passagem para outros meios implica outros códigos (regras de organização dos conteúdos), mas não muda a estrutura básica da literatura de massa. No cinema ou no livro, uma história permanece fundamentalmente a mesma, porque o mais importante são os conteúdos. (SODRÉ, 1988, p. 17).

Em alternativa, Sodré (1988) afirma que,

Com a literatura culta, é diferente: a transposição do livro para outro meio altera a natureza da obra original, por que esta se acha comprometida com a língua escrita. Não se trata de afirmar que o livro será melhor do que o filme, mas são duas coisas diferentes, quando se trata de literatura culta e literatura de massa.” (SODRÉ, 1988, p.17)

Por outro lado, contrariando os críticos para quem os *best sellers* de Sparks não têm valor estético, não se acha comprometida com a língua escrita e não passam de uma fórmula, uma leitora do romancista afirma que,

Assisti o filme A Última Música, que é uma adaptação do livro dele, depois vi que tinha livro. Comprei o livro, li, depois comprei outro livro dele e não parei mais. Com isso, fui conhecendo outros autores, outros livros e outras histórias. Nicholas Sparks foi o grande responsável por eu gostar tanto de livros, de histórias que nos transformam, nos emocionam e personagens inesquecíveis como, por exemplo, Noah, Dawson, John... Mesmo com tantos livros escritos e publicados, Nicholas não para de nos surpreender em suas narrativas, é isso o que mais me atrai. Porque eu sei que em cada história vai ter um desfecho inimaginável e inesquecível que vai nos encantar e nos emocionar, além de tudo nos ensinar sobre os caminhos do amor e acreditar nele. (M.G).

Neste depoimento, a leitora utiliza critérios próprios da crítica literária: construção de personagens, estruturação do enredo, linguagem, desempenho do narrador, porém chega a conclusões distintas daquelas que a teoria literária gostaria de encontrar. Infelizmente, a crítica literária, em geral, não se interessa por leituras como a feita pela leitora citada e persistem em descrever a leitura de *best sellers* como forma de alienação e escapismo, visto que esse tipo de literatura, para eles, faz uso de uma linguagem simples e direta, bem como não instiga o leitor a deixar seu lugar comum, diferentemente da alta literatura. Em contrapartida os leitores de Sparks possuem consciência do preconceito que ronda seus livros favoritos, bem como as histórias de romance como um todo, visto o depoimento abaixo,

Eu peguei o livro “Um amor para recordar” emprestado na biblioteca de minha cidade, daí me apaixonei pela sua escrita, seus personagens, o cenário. O modo como ele consegue tocar nosso coração. E uma colega minha me emprestou outros livros dele que li e amei todos. Amo! Virou meu autor preferido, independente dele ser um escritor de romance (meu gênero preferido) ele simplesmente é demais. (N.B)

Vale ressaltar que o vocábulo “romance” nos depoimentos coletados para essa pesquisa assume a definição de “história de amor” e até mesmo de “romance sentimental”, sendo assim, na fala dos leitores entrevistados, “romance” não se aplica ao gênero de origem inglesa, e sim a histórias nas quais o enredo gira em torno de um episódio amoroso. No entanto, o romance inglês também foi alvo de preconceitos em sua época, de forma que o sentimento de inferioridade que sutilmente escapa da fala da leitora, evidenciado pela frase “independente dele ser um escritor de romance”, pode ser decorrente da prática e leitura de um gênero historicamente condenado e menosprezado pela elite intelectual da época. Contudo, a maior parte dos leitores entrevistados não tem vergonha de suas preferências literárias, mas tal posição não elimina o fato de que eles estão cientes da discriminação contra seus livros favoritos, como se observa no depoimento de I.L.

Conheci primeiro através dos filmes “Um amor para recordar” e depois “Diário de uma paixão”. Quando soube que eram baseados em livros, me interessei em ler e fui lendo vários do mesmo autor. O que mais gosto nos livros do Nicholas Sparks é justamente o que muitos podem achar brega: o final feliz. É *confortante* depois de tantas lutas e sofrimentos ver os personagens chegarem a um final feliz. (I.L)

A leitora sublinha o que mais a agrada nas obras de Sparks, “o final feliz”, “justamente o que muitos podem achar brega”. No entanto, esses leitores ao invés de se sucumbirem às críticas, escolhem resistir e assumem seus gostos sem embaraço. Criam grupos, páginas e comunidades, lotam bienais e compartilham suas frases favoritas na internet, no *WhatsApp*, com família, amigos, cônjuges e namorados. Leitores como S.L, inclusive exaltam seu gosto literário, classificando-o como “maravilhoso” e ressalta com muita propriedade, uma vez que já passou por tal experiência, uma atitude que se assemelha àquela assumida pelo crítico do *The Guardian* “pessoas que se baseiam em apenas um livro ou um filme” para construírem um julgamento.

Eu já me estressei muito com isso... hj em dia faço uma bela fuça de paisagem e deixo a pessoa auau sozinha kkkkkkkk... Não vale a pena discutir com pessoas que se baseiam em apenas 1 livro ou 1 filme... e tem aqlo né. Gosto

cada um tem o seu... então deixa eu aqui com meu maravilhoso gosto e ela lá sofrendo. (S.L).

Mais do que a história sentimental que se repete, a crítica negativa feita a esses livros é primeiramente encorajada devido ao fato de serem obras de largo alcance, fácil acesso, grande público e adaptáveis para outras mídias, isto é, a crítica é na verdade inicialmente dirigida à indústria cultural, no entanto, a partir do momento em que tal crítica se projeta sobre o leitor empírico, essa atitude passa a ser problemática. Logo, é necessário não confundir o sujeito que consome tais produtos com a ideologia que rege ou regeu seu uso. Vale ressaltar que não existe literatura sem leitura, como não existe leitura sem leitor, portanto o leitor empírico e suas experiências de leitura, seja de clássicos ou *best sellers*, ao invés de deslocarem as obras para um espaço “fora da literatura”, seriam na verdade os encarregados de renovar os estudos literários, uma vez que o texto, seja ele qual for, “vive” e “permanece” a partir das lembranças e das representações do mundo particular do sujeito que lê.

## Referências

ANDRADE, Roberta Manuela Barros; SILVA, Erotilde Honório. **O consumo de romances e o universo feminino: as práticas de leitura dos livros do coração.** Interin. Curitiba, v. 15. n. 1, p. 50-63, jan./jun. 2013.

BORELLI, Silva Helena Simões. **Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil.** São Paulo: Educ; Estação Liberdade, 1996.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1980.

REIMÃO, Sandra. **Sobre a noção de best-seller.** Comunicação e sociedade. São Paulo: Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS), Ano X, nº 18, 1991.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard. “O sujeito leitor, autor da singularidade da obra”. **Leitura subjetiva e ensino de literatura.** São Paulo: Alameda, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller: a literatura do mercado.** São Paulo, Ática, 1985.